

DAS POSSIBILIDADES DO CORPO ÀS INCERTEZAS DA ALMA

From the possibilities of body to the uncertainties of soul

José Renato de Araújo Sousa

UFPI

Resumo. Nesse artigo, faz-se uma breve retrospectiva do surgimento da técnica, pondo em evidência sua relação ambígua com a cultura ocidental: necessidade *versus* desmedida. Observa-se que essa ambigüidade está mais enraizada na tradição judaico-cristã, que exerce ainda influência na cultura ocidental, acalorando os debates sobre os limites da técnica. Chama-se também a atenção para as questões éticas que a técnica médica dos transplantes pode suscitar numa sociedade marcada ainda por uma forte concepção de “espírito”, identidade e sujeito.

Palavras-chave: corpo, alma, técnica, transplante.

Abstract. In this article a short history of the technique's birth is traced, exposing its ambiguous relation with the western culture: necessity *versus* rampant. It can be observed that this ambiguity has got stronger roots on the Judeo-Christian tradition, which still holds an influence on the western culture, heating the debates on the limits of the employing of techniques. It also draws the attention on the ethical issues that the medical technique of transplantations can raise in a society still strongly permeated and influenced by a conception of "spirit", identity and subject.

Key-words: body, soul, technique, transplantation.

Por volta de 1933, o filósofo espanhol Ortega y Gasset proferiu algumas conferências em forma de curso e após alguns anos as editou em forma de livro, sob o título de “Meditação da técnica”. Neste livro, Ortega previu que um dos temas mais debatidos para os anos vindouros seria o sentido, vantagens, desvantagens e limites da técnica. Creio que não por acaso estamos aqui a confirmar a predição do filósofo. Portanto, de antemão, gostaria de dizer que me inspirei em algumas de suas idéias e

conceitos acerca da técnica. Das suas idéias me chamou atenção àquela que diz que o escritor – e digo aqui, também, o filósofo – tem a missão de prever qual será o problema futuro e apresentar idéias claras sobre esta questão com intuito de contribuir com um debate mais substancial.¹

Pois bem, é com essa intenção que aqui lhes escrevo e comunico essas modestas linhas acerca da técnica. Para começar minhas argumentações gostaria de, à maneira dos antigos, recorrer a dois mitos que, a meu ver, estão entre os mais representativos acerca da condição humana e de sua inevitável necessidade da técnica para sobreviver. O primeiro é o mito de Prometeu na versão platônica de Protágoras, em diálogo homônimo, cujo relato lembra a fragilidade humana diante da natureza e as condições naturais em que a espécie humana nasceu, destituída de todo atributo biológico que lhe pusesse em pé de igualdade com as outras espécies, necessitando assim da ajuda divina de Prometeu para dominar o fogo e desenvolver a técnica para continuar sua saga incerta na natureza, a contragosto dos deuses. O outro, não menos significativo, é o mito hebraico-cristão da gênese e da queda humana. Nesse relato, o homem é visto em sua condição primordial após a criação, gozando de uma vida próspera, feliz, sem nenhum esforço, livre das intempéries do tempo e da ameaça natural de outras espécies, pois nesse estado de Éden todos os seres vivem harmoniosamente, sem nenhum conflito ou necessidade de concorrerem entre si em lutas sem fins: a natureza a todos alimenta da mesma forma.

Ambos os mitos nos sugerem que a relação do homem com a natureza tem sido uma relação ambígua desde os primórdios das civilizações. Pois, por um lado, se há um sentimento de dádiva para com sua progenitora Gaya ou Terra, por nutri-lo com seus frutos e sua água, também parece haver um sentimento de culpa e ressentimento por ele (homem) ter se afastado da sua condição primordial para criar uma segunda natureza através da técnica. O sair da natureza e o projetar-se no mundo implicou uma série de transformações graduais na história do homem que só foi possível graças à invenção e domínio da técnica. No entanto, parece que o homem antigo intuiu desde

¹ ORTEGA Y GASSET. *Meditação da Técnica*. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1963, p. 5.

muito tempo as conseqüências dessa opção inevitável como uma desmedida (*hýbris*), que tende a afastá-lo cada vez mais da sua matriz ecológica de maneira nem sempre amistosa. Nesses dois mitos podemos perceber isso: no mito grego de Prometeu, ao usar o fogo e a técnica roubada dos deuses, o homem passa a gozar de uma vida amena, mais tranqüila, que antes só aos deuses era possível, por isso a ira de Zeus ao castigar Prometeu, e a revolta dos deuses do Olimpo.² No mito hebraico exposto em Gênesis³, o trabalho forçado é o grande castigo. Daí, a lembrança de que tudo que é fruto do suor humano é tido como preço da sua desmedida para com Deus. Mas o mito não pára por aí. Sua alegoria vai mais adiante e narra a fundação de cidades e o nascimento da técnica pelas mãos engenhosa de Tubalcaim, um dos filhos de Caim.

Enquanto no mito grego o conhecimento e a técnica são vistos como dádiva divina dos deuses do Olimpo, no mito hebraico o conhecimento e a técnica são os símbolos da desmedida do homem para com Deus. Nesse caso, basta lembrar que é a geração de Caim que prospera na terra árida. E aqui não precisamos nos estender para dizer que a genealogia humana, quanto mais retrocede a Caim, mais é mal vista pela sua aproximação com o mal, visto que o filho fratricida é o causador da desgraça humana.

Essa relação ambígua é notada primeiramente na origem das cidades. Para subsistir com sucesso, o homem primitivo acredita que precisa ter uma relação permanente com o divino, através de sacrifícios e oferendas, de modo a aplacar a ira dos deuses ou da natureza e garantir a prosperidade da sua cidade. Nota-se isso nas *póleis* gregas, onde cada cidade deve ter um deus patrono. Um relato mítico digno de nota é o mito da Torre de Babel; sem a anuência do deus, toda aquela suposta arquitetura ambiciosa, rui em pedaços após Deus tê-la interpretado com uma ofensa.

Uma das mais significativas alegorias que retrata a antítese entre a natureza primordial e aquilo que o homem constrói nesse mundo está sugerida no relato de uma das tentações de Cristo, quando Lúcifer o leva ao alto de uma montanha e lhe oferece toda aquela cidade materialmente próspera como algo de sua propriedade e

² PLATÃO. *Protágoras*. 2 ed. rev. Belém:UFPA, 2002. p.64-66.

invenção. Esses relatos míticos ainda hoje permeiam o imaginário coletivo nas várias culturas do Ocidente, herdeiras da religião judaico-cristã. Chegam mesmo a intervir, com suas opiniões dogmáticas, nos processos técnicos e científicos, tais como a possibilidade de clonagem humana e o uso de embriões humanos e células-tronco, dentre tantas outras técnicas que atingem diretamente o homem.

Ciência e técnica ainda soam, para muitos, como uma antítese diante da natureza primordial da qual o homem surgiu e parecem ser aquilo que há de mais antinatural na própria natureza, pois elas dotam o homem de ferramentas e costumes que, por sua vez, só existem em detrimento das condições naturais em que a natureza antes se encontrava.

Para além das controversas opiniões, podemos dizer com Ortega y Gasset que a técnica vem suprimir as necessidades que o homem possa desenvolver. É como já havia notado o mito grego de Prometeu: o homem nasce com todas as necessidades possíveis. E a técnica é o resultado do empenho humano em sobreviver a essas necessidades que a natureza impõe ao homem. Por essas razões, o homem "...ao mesmo tempo que se sente fazendo parte da natureza, percebe também que sua condição em relação à natureza não é uma condição objetiva, no sentido de depender ou coincidir completamente com esta...".⁴ E naquilo que ele difere dela, ele terá que impor mudanças e reformas para satisfazer suas necessidades subjetivas. Em tudo o que o homem teve mais êxito ele passou a perceber o seu bem-estar. É, portanto, em sua "fragilidade" diante da natureza que o forjou que encontramos sua transcendência. Transcendência essa a que damos, às vezes, o nome de alma, de espírito, consciência, razão, sujeito etc., ou seja, todos aqueles termos que procuram dar conta da ontologia humana.

Mas não podemos, como nos adverte Ortega, pensar na ontologia do homem sem considerar a técnica como sua atividade por excelência. Nessa mesma ontologia, acrescentemos sua capacidade imaginativa, como figuração dos seus desejos e anseios. Recordemos também que a existência humana não se resume ao simples

⁴ ORTEGA Y GASSET. Op.cit., p. 12

viver, como os outros organismos, no sentido de se acomodar aos ditames da natureza. Seu projeto ou programa de vida não está predeterminado nem se limita às suas faculdades biológicas, ao contrário, depende de um projetar-se para além da natureza, para satisfazer suas necessidades. Acontece que após atingir um dado padrão de bem-estar e segurança devido aos inventos que a técnica pode lhe oferecer, o homem passa a buscar a si mesmo. Mas o buscar a si mesmo não é algo dado fora do tempo. Buscar a si mesmo depende também de cada época, de cada povo, e o que o indivíduo delinea para si mesmo, embora seja diverso para cada um, não deixa de estar associado a uma pretensão geral humana.⁵

Dessas pretensões, a meu ver, a de manipular a vida e vencer a morte que, diga-se de passagem, não é nova, mas remete-se às mais primitivas civilizações, talvez seja a mais cobiçada de todas. Só que agora o homem moderno não mais se contenta com a religião e o mito para sobrepor-se à finitude que a natureza impôs a todos os seres-vivos. O homem moderno aposta cada vez mais nos avanços técnico-científicos, para ao menos ter, ao máximo possível, uma vida duradoura e mais confortável. As possibilidades do corpo como máquina ajustável e reciclável passaram a ser exploradas com algum êxito desde 1954,⁶ quando se fez o primeiro transplante de órgão no mundo, nos EUA. Apesar dos poucos dias de vida dos primeiros transplantados, a comunidade médica celebrava um novo começo na área de saúde humana. Os noticiários, ao relatarem tais feitos, deixavam estupefatos os seus telespectadores. Enquanto isso, médicos e cientistas lutavam para entender como fazer com que um órgão de uma pessoa fosse aceito por mais tempo em outro corpo humano. Veio assim a descoberta dos imunossuppressores, isto é, medicações que retardam a rejeição dos órgãos doados, aumentando a expectativa de vida dos pacientes para uma média de

⁵ Ibid., p.39.

⁶ É oportuno lembrar que com a história dos transplantes de órgãos humanos nasce também a Bioética. Em 1954 o teólogo Joseph Fletcher tratou de questões bioéticas no seu livro "Morals and Medicine. The moral problems of the Patient Right to Know the Truth, Contraception, Artificial Insemination, Sterilization, Euthanasia". Seguido em 1970 por outro teólogo protestante Paul Ramsey que publicou o livro básico da bioética "The patient as Person. Exploration in Medical Ethics". Cf. HECK, N, José. Bioética: contexto histórico, desafios e responsabilidade. *Ethic@*. Florianópolis, v. 4, n. 2 p. 123-139, Dez. 2005.

dez anos de vida. Atualmente a técnica dos transplantes evoluiu para repor partes inteiras do corpo, como rosto, braços, mãos e, quem sabe daqui a alguns dias, o transplante de pernas. Foi autorizado, em maio de 2010, na Espanha, o primeiro transplante de pernas, que aguarda apenas um doador compatível. A técnica dos transplantes, antes restrita aos órgãos internos, agora passa a contemplar as partes externas do corpo humano, reavivando os debates da bioética.

Esses debates não são apenas decorrentes de convicções religiosas, mas são suscitados a partir das próprias pesquisas ligadas às técnicas do transplante. Segundo pesquisadores, a prática dos transplantes é acompanhada de um atendimento especializado visando ao bem-estar psíquico dos transplantados. Já na fase de transplantes de órgãos e tecidos havia-se notado conflitos entre as identidades de doador e receptor que chegam mesmo a envolver toda a família. Segundo Duarte, notou-se aí "... uma ameaça à integridade subjetiva do doador e do receptor, à sua unidade físico-moral, mesmo que essa ameaça seja a condição de sua sobrevivência estritamente física".⁷ Duarte ainda observa que o conflito é diretamente proporcional ao valor dado a um tipo de órgão. Imaginemos, por exemplo, o impacto causado por um transplante de coração, visto que, dentro da perspectiva do senso comum, acredita-se que esse órgão seja um guardador de sentimentos afetivos que podem ser reativados a qualquer momento. O interesse por parte da família do doador em manter uma aproximação com o receptor é demasiado grande. Relata-se que em alguns casos é preciso mesmo preservar a identidade do receptor de órgãos para preservar sua privacidade.

Ora, isso ocorre porque "o corpo humano é vivenciado pelo crivo, culturalmente constituído, da autoconsciência ou autopercepção, que sempre o investe de valores, significados, sentidos, muito amplos e complexos que os de uma mera máquina".⁸ Decerto não temos a mesma percepção de médicos e cientistas que vêem o corpo simplesmente como uma máquina; fatores culturais nos condicionam a pensar o corpo

⁷ DUARTE, Luiz Fernando. In: DURÃES, Aline. O imaginário na doação de órgãos. Disponível em: http://www.olharvitalufrrj.br/2006/index.php?id_edicao=109&codigo=4 (Acesso em 02/06/2010)

⁸ *Idem.*

como algo dotado de essência, de espírito, ou seja, de uma consciência que transcende a compleição física do corpo e que lhe dota de sentido e existência especial.

O que fazer do corpo ou como explorar as possibilidades do corpo ainda esbarra em contestações de cunho religioso e moral. Por outro lado, vem se expandido uma visão altruísta e mais solidária que vem tentando romper certos preconceitos que muitas vezes tentam travar os avanços técnicos na área de transplantes de órgãos. Certamente quando a técnica é voltada para salvar vidas parece que ela se justifica melhor. Mas quando ela se volta para a tarefa da “simples” reposição de partes humanas, ou seja, sem implicar necessariamente a sobrevivência, será que ela abre caminho para mais polêmicas? As possibilidades de sucesso nos transplantes de membros externos do corpo humano têm encorajado, cada vez mais, médicos e cientistas a investirem nessa técnica de reposição de partes do corpo. O fato causa estranheza aos nossos olhos e incomoda bastante. Podemos ficar mesmo atônitos e pensar na concretização da experiência do Dr. Frankenstein no romance de Mary Shelley. Mas temos também a obrigação de pensar e pôr-se no lugar daqueles que perderam alguma parte do corpo, que sonham com o membro perdido numa fatalidade e ainda sentem a “dor fantasma” da parte que foi mutilada.

A técnica está aí posta com a tarefa de realizar desejos antes tidos como impossíveis. Mas sentimos que, no seu progresso, ela também manifesta sua desmedida ao tentar dominar e sobrepor-se à natureza. Por exemplo: sabe-se hoje que, por mais bem sucedido seja o transplante, não se pode prescindir do uso de fármacos que causam efeitos colaterais terríveis nos transplantados, algo que nem sempre é lembrado nos noticiários. Ao que parece, estamos fadados a reviver sempre o paradoxo natureza *versus* humano e estaremos sempre dispostos a pagar por nossa desmedida em troca de nossa plenitude.

Vemos assim que as mais recentes notícias na área de saúde, principalmente acerca de transplantes de órgãos, tem mostrado como a técnica médica dos transplantes tem avançado, deixando-nos algumas vezes perplexos diante de alguns casos que parecem ter emergido dos enredos ficcionais e fantásticos da literatura ou das telas de cinema. A habilidade humana em transpor os limites do corpo está se

tornando cada vez mais célere, impulsionando-nos a pensar sobre o futuro do corpo e os limites da alma, ou seja, da consciência em aceitar e conviver com essas mudanças de forma mais natural possível. Certamente isso exigirá quebra de tabus, de preconceitos, de medos, que poderiam ser citados em inúmeros casos com os quais a bioética e a ética geral se deparam atualmente. Mas não é o caso aqui de tratarmos de um caso particular em que se possam aplicar preceitos éticos. Esperemos, então, o alvorecer de uma nova consciência e uma nova concepção de ecologia humana que esses prodigiosos transplantes possam nos ensejar.

Doutor em Educação (Unicamp)
Professor Adjunto, Departamento de Filosofia (UFPI)
e-mail: renatocacto@hotmail.com